

# ***A relação de afeto/desafeto em famílias de crianças com comportamento agressivo***

*Adriane M. Netto de Oliveira\**

*Graciela M. Loch\*\**

*Fernanda L. Lopes\*\*\**

*Luzia Wilma S. da Silva\*\*\*\**

**RESUMO:** Este artigo aborda o subtema afetividade inserido na pesquisa “Desvelando os fatores internos e externos à família que podem influenciar no comportamento agressivo da criança”. Foi uma pesquisa de inspiração fenomenológica, realizada no período de 2001 a 2002. Atualmente, a agressividade mostra-se através de diversas formas de violência, parecendo ser algo comum em nossa sociedade. Em função desse problema e de realizar um trabalho com famílias, decidimos realizar este estudo para ampliar nossa visão sobre o tema. Tivemos como objetivo conhecer os fatores internos e externos à família que podem influenciar na manifestação do comportamento agressivo pela criança. No subtema afetividade, emergiu um distanciamento afetivo entre pais e filhos, a separação do casal, a ausência do pai e a dificuldade da mãe para se relacionar com os filhos. Os resultados permitiram ampliar nossa visão em relação aos múltiplos fatores da agressividade e compreender algumas dificuldades e limitações que a família enfrenta ao desempenhar sua função como cuidadora.

Palavras-chave: Família. Criança. Agressividade. Enfermagem.

## **1 INTRODUÇÃO**

Atualmente, a agressividade, representada através de diversas formas de violência, parece ser um noticiário relevante e comum em nossa sociedade, divulgado pelos meios de comunicação, mostrando um cenário caótico e assustador. Neste cenário, desvelam-se homicídios e suicídios, muitas vezes, em decorrência da agressividade juvenil.

Frente a essa situação, em função de realizar um trabalho com famílias, e conseqüentemente, ainda, que são encaminhadas crianças das escolas públicas de um município do Rio Grande do Sul ao Ambulatório de Enfermagem em Saúde Mental de um Hospital Universitário, cuja queixa principal e mais comum das orientadoras educacionais é o comportamento agressivo da criança na es-

\* Professora-Enfermeira do Departamento de Enfermagem da Fundação Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Disciplinas de Enfermagem em Saúde Mental e Prática de Enfermagem em Saúde Mental Mestre em Enfermagem pela UFSC - Doutoranda em Enfermagem pela UFSC - Bolsista PQI/CAPES - Coordenadora da Pesquisa. End: Rua Dr. Bruno de Mendonça, 36. Bairro Jardim do Sol. Rio Grande/RS. CEP-96216-190. *E-mail:* cunhanet@vetorial.net ou adriane@nfr.ufsc.br

\*\* Professora Psicóloga do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento da Fundação Universidade Federal do Rio Grande/FURG – Colaboradora da Pesquisa.

\*\*\* Bolsista PIBIC/CNPq. Na época da realização da pesquisa era acadêmica do 7º semestre do Curso de Graduação em Enfermagem da Fundação Universidade Federal do Rio Grande/FURG.

\*\*\*\* Professora-Enfermeira da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Área de Assistência: Disciplina Fundamentos Teórico-metodológico do Processo de Cuidar. Mestre em Enfermagem pela UNIRIO/UESB - Doutoranda em Enfermagem pela UFSC - Bolsista PQI/CAPES – Colaboradora da pesquisa. End: Rua Abílio Procópio Ferreira, 343. Centro. Jequié/BA. CEP-45200-000. *E-mail:* luziaWilma@yahoo.com.br ou wilma@nfr.ufsc.br

cola, sentimos a necessidade de fazer uma pesquisa que ampliasse nossa visão em relação a este fenômeno, para poder compreender e ajudar a família que sofre com este problema em seu cotidiano.

A agressividade é um comportamento emocional que faz parte da afetividade de todos, sendo considerada como algo inerente ao ser humano. Entretanto, a maneira como as pessoas reagem frente à agressividade varia de acordo com os valores e crenças de cada sociedade. Na nossa sociedade, geralmente, a agressividade é aceita quando tem o sentido de iniciativa, ambição, decisão ou coragem, mas é punida quando reconhecida como atitude de hostilidade ou sentimento de cólera. A agressividade não é traço de personalidade, portanto, não existem crianças agressivas, o que existe são crianças que cometem atos agressivos, por isso, o correto seria dizer que a criança está agressiva (CORSINI, 2000).

Dentre os fatores que influenciam a agressividade, encontramos o meio ambiente. Geralmente, o que falta à criança é a habilidade e a capacidade para lidar com as situações aversivas do meio, o que lhe provoca inúmeros sentimentos, dentre eles, a raiva, o medo e a insegurança. Os atos agressivos também podem ser aprendidos por meio da observação de modelos agressivos.

A maneira pela qual a criança é cuidada e considerada nos primeiros anos de vida determina, em grande parte, a estima e o respeito que terá por si mesma quando se tornar adulta. Desde bebê, ela procura o reconhecimento dos pais e/ou cuidadores. Quando sente aprovação, aceitação e encorajamento, encontra um estímulo para novas conquistas (LERNER, 2000).

A falta de autoridade real dos pais, a ambigüidade de ordens, proibições e contradições, que resultam da insegurança ou do seu estado de humor, deixam a criança mais desprotegida para se adaptar à realidade.

Dentre os instrumentos essenciais na difícil tarefa de educar os filhos, encontram-se a contínua busca do diálogo e a necessidade de estabelecer limites. A falta de limites pode transformar crianças agressivas em adultos agressivos. A questão dos limites está diretamente relacionada à agressividade, pois as crianças que não têm limites tendem a tornar-se agressivas quando estes lhe são impostos (ZAGURY, 2000).

A agressividade infantil é resultado de uma multiplicidade de fatores em que o meio é de fundamental importância. Hoje, sabe-se que os fatores genéticos associados ao meio ambiente podem contribuir para o comportamento agressivo ou não de uma criança. Por isso, neste estudo, objetivou-se identificar os fatores internos e externos à família que podem influenciar no comportamento agressivo da criança.

## 2 **TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de inspiração fenomenológica, a qual não se preocupa com generalizações, princípios e leis. O foco da sua atenção encontra-se no específico, no singular, buscando sempre a compreensão e não a explicação do fenômeno estudado. Tivemos como proposta compreender a experiência das famílias que convivem com uma criança que tem um comportamento agressivo.

No caminhar fenomenológico, utilizamos a palavra “trajetória”, ao invés de “método”, pois melhor expressa o caminhar em busca da essência do fenômeno. Ao interrogarmos os sujeitos, caminhamos em direção ao fenômeno, buscando compreender aquilo que se manifesta por si, através dos discursos das famílias e das orientadoras educacionais das escolas.

A trajetória fenomenológica, no entender heideggeriano, preconiza o desenvolvimento de momentos denominados como “estabelecimento da posição prévia” que implica na suspensão do conhecimento factual e no estabelecimento da visão e da concepção prévia. O desenrolar desses momentos permite mostrar o fenômeno como “sentido”, com-preendido como modos de ser (SIMÕES; SOUZA, 1997).

A realização deste estudo adequou-se à nossa visão de mundo e à natureza do fenômeno que buscamos. A intenção da fenomenologia é “ir às coisas mesmas”, numa tentativa de apre-ender o fenômeno tal como é experimentado pelo ser que o vivencia, sem que a interpretação ou teorização interfira na sua captação (CAPALBO, 1994).

Atualmente, na enfermagem, em que se evidencia intensa preocupação com a questão do relacionamento, a fenomenologia pode trazer contribuições significativas para a saúde daqueles que cuidamos, possibilitando melhor compreensão das relações interpessoais.

### **3 SUJEITOS E LOCAL DO ESTUDO**

O desenvolvimento deste estudo começou a partir do encaminhamento das crianças com comportamento agressivo, pelas orientadoras educacionais das escolas, para a consulta de enfermagem, sendo realizado o levantamento do número de participantes da pesquisa através do prontuário dos pacientes que apresentavam esta queixa, do biênio 1999 a 2001, considerando apenas as crianças que tivessem, no máximo, 11 anos, no ano em que iniciamos a pesquisa. Os locais de realização das entrevistas foram as escolas e a residência de cada família. Os dados foram obtidos junto a quatro escolas e dezesseis famílias.

As escolas onde foram realizadas as entrevistas localizam-se na periferia da cidade de Rio Grande/ RS e são públicas. As famílias resi-

dem em diferentes bairros da periferia do município. Em relação à profissão das mães participantes do estudo, esta é variável, desde diarista, balconista, autônoma, do lar e aposentada. Quanto aos pais, três moravam com a família e têm as seguintes profissões: caminhoneiro, carroceiro e biscateiro. Dos pais que não moram mais com a família, apenas um ajuda financeiramente o filho, pagando pensão e mantém contato em alguns finais de semana.

Para a coleta dos dados, utilizamos entrevista de inspiração fenomenológica, contendo uma questão norteadora e algumas questões de suporte, tanto para a orientadora, na escola, como para a família.

Iniciamos as entrevistas pela escola, para que esta servisse de veículo entre os pesquisadores e a família, bem como, para que esta tivesse uma referência anterior a nosso respeito, possibilitando, desta forma, o estabelecimento de relação e confiança.

Ao interrogarmos as famílias e as orientadoras educacionais, o objetivo foi que ouvindo-as, compreendemos como descrevem e vêem o comportamento agressivo das crianças, permitindo conhecer e compreender a existência da família como ser-no-mundo e ser-com e a sua interação com a criança.

A análise dos dados foi realizada a partir da utilização de alguns existenciais do referencial teórico-filosófico de Martin Heidegger e da revisão de literatura sobre agressividade na infância e família.

Respeitando os aspectos éticos, de acordo com a Resolução nº 196/96, sobre pesquisa envolvendo seres humanos, foi esclarecido aos familiares e à direção da escola os objetivos da pesquisa, bem como, solicitamos sua autorização por escrito. A entrevista foi gravada, após anuência dos participantes, para posterior transcrição e análise dos dados. Mantivemos o anonimato das famílias e orientadoras das escolas que participaram desse estudo. Para identificarmos os discurs-

dos das famílias, utilizamos a letra “F”, seguida do número que representa a entrevista realizada com cada família, acrescido do grau de parentesco do familiar entrevistado. Quanto ao nome das crianças encontrados na análise dos dados são fictícios.

#### **4 DESVELANDO AS RELAÇÕES DE AFETO/ DESAFETO QUE EMERGIRAM DOS DISCURSOS**

O referencial teórico deste trabalho contempla alguns autores que estudam a família e a agressividade na infância e alguns existenciais de um referencial filosófico. Apenas de forma didática, optamos por definir dois temas nesta pesquisa, que são, “Fatores Internos e Fatores Externos à Família”, que podem influenciar no comportamento agressivo da criança, estando inter-relacionados entre si, ora divergindo, ora complementando-se. Por isso, torna-se difícil identificá-los isoladamente, como responsáveis por tal comportamento. Por fatores internos estamos nos referindo a afetividade, cuidado e comunicação entre pais e filhos e por externos aqueles relacionados à escola, meios de comunicação e condições socioeconômicas.

As funções da família incluem: a função psicológica, biológica e social; estas, no entanto, dificilmente podem ser estudadas separadamente, já que estão intimamente relacionadas e entrelaçam-se umas com as outras, ao longo da formação da família. A função biológica consiste em assegurar a sobrevivência de seus membros, atendendo suas necessidades humanas básicas, entre elas, a higiene e a alimentação (OSÓRIO, 1996).

Dentre as funções psicossociais, encontramos o alimento afetivo como indispensável para a sobrevivência do ser humano, tanto quanto o oxigênio, a água e os nutrientes orgânicos que necessitamos para sobreviver. Sem o afeto

ministrado pelos pais ou outros cuidadores, o ser humano pode apresentar grande dificuldade nas relações interpessoais, manifestada através de um embotamento emocional ou pode exacerbar seus sentimentos de frustração, rejeição e raiva, por meio de um comportamento agressivo.

Encontramo-nos sempre em uma situação afetiva, ou seja, estamos no mundo com um determinado estado de ânimo. As experiências pelas quais os seres humanos passam não acontecem sem nenhum significado; muito pelo contrário, elas podem ser agradáveis, prazerosas, temíveis ou indiferentes; determinam o nosso modo de ser e como nos sentimos no mundo, tristes, alegres, tranquilos ou com medo (HEIDEGGER, 1997).

Em alguns discursos evidencia-se a rejeição paterna na relação de afeto com a criança. A família percebe o quanto este distanciamento afetivo atinge a criança, que se entristece, mas, ao mesmo tempo, reconhece como única alternativa ignorar tal fato, possivelmente, para manter-se afastada de outras decepções afetivas, geradoras de ansiedade e sofrimento.

Na maioria das famílias entrevistadas, encontramos a separação do casal como algo predominante na situação existencial destas pessoas. Através dos discursos, foi possível perceber que as crianças deste estudo encontram-se, na maior parte das vezes, fragilizadas e negligenciadas, principalmente pelo pai, em função da sua ausência física e afetiva:

Ele convive com o pai, uma vez por mês, quando ele visita o pai. O pai dele já chegou a passar dois meses sem falar com ele (F7- Mãe).

Na última vez que fomos na cidade onde mora o pai dele, avisamos que estávamos lá, mas o pai dele não foi ver o guri, ele ficou de aparecer, mas não foi. Aí, o François disse: ‘- Nem precisa mais avisar, porque ele não quer me ver e nem eu quero mais ver ele (F11 – Mãe e Filho).

Em 2001, ela foi passar a Páscoa com o pai e ele disse para ela que não poderia ficar com ela, porque a vida dele já estava estruturada, que ele tem outra família e que ela não faz mais parte da vida dele (F14 – Mãe).

A presença física e afetiva do cuidador é essencial à saúde mental do ser humano. O bebê e a criança que experimenta uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe, com o pai ou outro cuidador, pode encontrar satisfação e prazer.

Os psiquiatras infantis, ao examinarem as possíveis causas dos transtornos mentais na infância, percebem que as situações que predispõem a uma incidência significativamente elevada desses casos acontecem mediante a falta de oportunidade da criança para estabelecer vínculos afetivos. Podem ocorrer, também, pelas prolongadas ou repetidas rupturas de vínculos que já haviam sido estabelecidos. Na fase adulta, a personalidade psicopata, a depressão, a delinqüência e o suicídio são doenças mentais precedidas por uma elevada incidência de vínculos afetivos desfeitos durante a infância (BOLWBY, 1990).

As raízes do comportamento agressivo começam na infância e estão alicerçadas na relação de afeto com os pais. Esta relação entre pais e filhos é de extrema importância na formação da personalidade da criança. Nessa relação afetiva, os fatores mais envolvidos no desencadeamento do comportamento agressivo são: pais ausentes, falta de relação afetiva/corporal entre pais e filhos, pais distantes, que têm pouco ou nenhum contato afetivo, gerando em seus filhos uma relação amor/ódio muito forte (BOLWBY, 1990). Os discursos a seguir evidenciam a ruptura de alguns vínculos:

A gestação dele foi bagunçada, eu me separei do pai dele, depois voltei. Quando estava separada, fui morar na casa da minha mãe, vivia me incomodando com o meu pai e a minha irmã (F3 – Mãe).

É raro ele vir, faz uns 3 meses que ele não vê o pai. Quando o pai vem buscar ele, não é para ficar. Ele vai e volta no mesmo dia; nunca foi e ficou um final de semana, foi sempre assim: vai e volta. O pai dele casou de novo e tem outra filha (F4 – Mãe).

Durante a gravidez, teve os problemas das famílias e depois que ele nasceu, era briga sobre briga, que eu e o meu marido até nos separamos (F5 – Mãe).

As características pessoais e as qualidades do relacionamento marital estão diretamente associadas ao modo como os pais se relacionam com seus filhos. As dificuldades de relacionamento entre os pais podem fazer com que estes se tornem menos sensíveis à percepção das necessidades de afeto dos filhos.

Uma das funções afetivas da família é servir de suporte para as ansiedades existenciais, durante o seu processo evolutivo. A superação das chamadas crises vitais, ao longo da existência humana, é indubitavelmente favorecida por um adequado suporte familiar à desestabilização que tais crises acarretam. No entanto, nas famílias deste estudo, parece que a maioria dos pais não conseguiu suprir a necessidade de segurança afetiva dos seus filhos, nem tampouco controlar suas ansiedades, possibilitando, com isto, que ficassem tão envolvidas quanto os adultos, no conflito familiar:

Ele tomava medicação, mas continuava atacado como hoje, mas eu acho que isso puxa de família. [...] O médico disse que ele era louco (F5- Mãe).

Eu sou muito nervosa. Comecei a ficar mais na gravidez, tinha umas crises de nervos, começava a adormecer as minhas pernas, os meus braços e depois eu não me lembrava das coisas. Então, a gravidez foi muito complicada, eu não podia me agitar. Ele nasceu bem nervoso (F15 – Mãe).

A família pode exercer um papel importante como agente etiológico da agressividade da

criança, bem como, situações de instabilidade na convivência familiar podem gerar depressão nesta, em que um dos sintomas pode ser a agressividade.

A maioria das crianças deste estudo tem dificuldades nos relacionamentos interpessoais, incluindo-se, com os colegas da escola, a professora e os pais. Os discursos, a seguir, parecem mostrar tais dificuldades:

Era uma criança quieta, não fazia danos. Mas, depois que foi para a escola, começou a brigar e bater nos colegas. No início, ela chorava muito, mas depois se acostumou. Em seguida, começou a brigar com os colegas, inclusive chegando em casa com marcas das brigas (F1 – Avó).

Ele é brigão, brigão, briga muito com o irmão mais velho, ele briga, dá, é violento e é agitado (F2 – Mãe).

Ele é muito enrolado, ele se fecha, é difícil ele falar contigo (F2 – Mãe).

Na escola, o comportamento é péssimo. Com as crianças, ele xinga, responde. Na escola, ele responde direto pras professoras. Ele trocou de sala, porque a professora não agüentou, ele não fica quieto nunca.

As crianças que manifestam um comportamento agressivo, mais freqüentemente tendem a buscar menos o apoio em outras pessoas. Apresentam baixa auto-estima e têm dificuldade para estabelecer uma relação de confiança ao interagir com os outros, porque, geralmente, sentem-se ameaçadas. A dificuldade que apresentam no âmbito das relações “as impedem de, no momento que enfrentam um problema, recorrer aos adultos para lhes ajudar” (LISBOA, 2001, p. 96). Por isso, é

importante que na interação familiar, principalmente, os adultos atentem para as alterações de comportamento da criança, de forma a contribuir preventivamente no desencadeamento de possíveis transtornos mentais na infância, que poderão repercutir na sua fase adulta.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo possibilitou ampliar nossa visão em relação aos múltiplos fatores que podem influenciar no comportamento agressivo da criança. Permitiu maior aproximação com o cotidiano vivenciado pelas famílias e compreender algumas de suas dificuldades e limitações que enfrentam no desempenho do seu papel de cuidadora/educadora.

Este estudo revelou que a ausência ou pouca manifestação de afeto e os problemas na comunicação entre pais e filhos foram os principais sinalizadores do desencadeamento do comportamento agressivo na criança. Tal modo de se relacionar, provavelmente, intensifica a baixa auto-estima das crianças, gerando medos e inseguranças, as quais reforçam sua dificuldade para relacionar-se com os outros.

A falta de afetividade na relação pais-filhos, representada por carícias, afagos, respeito, abraços, beijos, diálogo, dentre outros, pode exercer um papel importante como agente etiológico para a agressividade da criança. Mais do que isto, poderá, ainda, levar à manifestação de doenças mentais graves ao longo do ciclo vital.

# ***The relation of affection/disaffection in children's families with aggressive behavior***

**ABSTRACT:** This article broaches the subtheme affectivity inserted in the research “Unveiling the internal and external factors to the family, which can influence in the child’s aggressive behavior “. It has been a phenomenological inspiration research released in the period of 2001 through 2002. Currently, the aggressiveness shows through several forms of violence, looking to be something common in our society. As a result of this problem and to release a work with families, we have decided to do this study to broaden our vision about the theme. We have had like an objective to know the internal and external factors to the family, which can influence in the manifestation of aggressive behavior by the children. In the subtheme affectivity, it has surfaced an affective distance among parents and children, the couple separation, the father’s absence and the mother’s difficulty to relate to the children. The results let us broaden our vision in relation to the multiple factors of aggressiveness and comprehend some difficulties and limitations that a family faces to play its function as rearer.

Keywords: Family. Children. Aggressiveness. Nursing.

## ***La relación de afecto/desafecto en familias de niños con comportamiento agresivo***

**RESUMEN:** Este artículo aborda el subtema de afectividad incluido en la investigación “Desvelando los factores internos y externos a la familia que pueden influir en el comportamiento agresivo del niño”. Fue una investigación de inspiración fenomenológica, realizada en el periodo del 2001 al 2002. Actualmente, la agresividad se muestra a través de diversas formas de violencia, pareciendo ser algo común en nuestra sociedad. En función de ese problema y de realizar un trabajo con familias, decidimos hacer este estudio para ampliar nuestra visión sobre el tema. Tuvimos como objetivo conocer los factores internos y externos a la familia que pueden influir en la manifestación del comportamiento agresivo del niño. En el subtema afectividad, emergió un distanciamiento afectivo entre padres e hijos, la separación de los padres, la ausencia del padre y la dificultad de la madre para relacionarse con los hijos. Los resultados permitieron ampliar nuestra visión en relación a los múltiples factores generadores de la agresividad y comprender algunas dificultades y limitaciones que la familia enfrenta al desempeñar su función como cuidadora.

Palabras-clave: Familia. Niños. Agresividad. Enfermería.

### **REFERÊNCIAS**

BOLWBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CAPALBO, Cleusa. Abordando a enfermagem a partir da fenomenologia. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 70-76, maio 1994 .

CORSINI, Cristina Felipe. **É agressivo ou está agressivo???** eis a questão! 2000. Disponível em: <<http://2000.intermol.com.br/saúde-comportamento>>. Acesso em: mar. 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LERNER, Lea. **Uma questão de respeito!** 2000. Disponível em: <<http://2000.intermol.com.br/saúde-comportamento>>. Acesso em: mar. 2000

LISBOA, Carolina S. de M. **Estratégias de coping e agressividade**: um estudo comparativo entre crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia)—Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SIMÕES, Sônia M. F; SOUZA, Ives Emília de O. Um caminhar na aproximação da entrevista fenomenológica. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3 , p. 13-17 , jul. 1997.

ZAGURY, Tânia. **Agressividade infantil**: como lidar? 2000. Disponível em: <<http://2000.intermol.com.br/saúde-comportamento>>. Acesso em: mar. 2000.